

OCIDENTE, RAPAZ – Cruzei com Nilson Viana em dois ambientes: no *copy desk* do *Jornal do Brasil*, no começo da década de 1960 (ele tinha sido figura exponencial na redação do *Diário de Notícias*), e em *Manchete*, quase dez anos depois. Falava pouco, escrevia devagar, tinha texto limpo e muito bom. Mas jamais deu prova mais evidente de que sabia das coisas do que quando lhe passei para editar uma reportagem ilustrada, na revista da Bloch.

A matéria era sobre a rota da Varig que ligava o Rio de Janeiro a Tóquio.

Falava-se muito, na época, do “milagre japonês” - a rápida expansão da economia gerada pela revolução dos *chips* (na indústria eletrônica) associada, logo depois, à abertura de mercados que resultou do entendimento entre instituições empresariais do Japão, Europa e Estados Unidos – o “acordo trilateral”, de 1973.

No Brasil, fazia-se desse episódio o mote para dar nome ao “milagre brasileiro”: atribuíam-se o êxito japonês não apenas à adoção radical de políticas de um capitalismo lugar-comum – o desempenho individual, a competição aberta, o empreendedorismo – mas, sobretudo, à disciplina, ao foco na produção e não em marolas sociais, exatamente o que interessava ao governo militar e aos empresários locais. Tais virtudes deviam-se ao “espírito oriental”, que faltaria aqui.

Em lugar de voar para o Leste, como é a regra na matriz histórica – Oriente é para onde os europeus se orientaram, no passado – os aviões partiam para Oeste – o Ocidente – , com escala em Lima e Los Angeles.

A foto, no *layout* aberto nas duas páginas, mostrava um jato, decolando no Galeão, no fim da tarde, céu vermelho, contra a luz amarela do sol filtrada, refratada e amortecida pela poeira da atmosfera. O formato lembrava, mesmo, a bandeira japonesa.

Nilson juntou a foto, a direção do voo, o capitalismo radicalizado das teorias da moda e perpetrou essa maravilha de acumulação semântica em um título em caixa baixa, letras grandes, sobreposto à imagem

“Japão,
o extremo ocidente.”